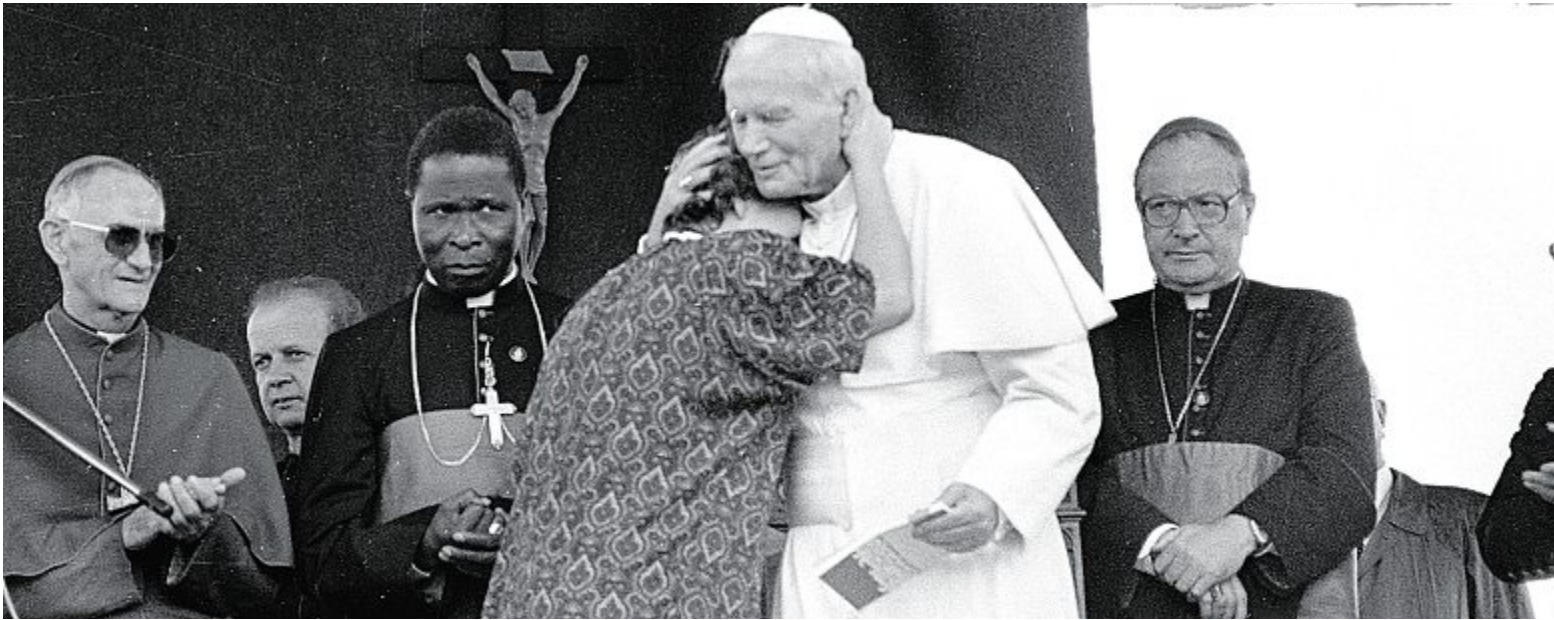


MINHA HISTÓRIA COM A GAZETA

CHICO GUEDES - 19/10/1991



Livro "Na Lama Prometida a Redenção", escrito por Graça, motivou a visita do papa à região

UM ABRAÇO QUE MUDOU A HISTÓRIA DE SÃO PEDRO

No dia 19 de outubro de 1991, os braços de Maria das Graças Lemos Andreatta, 66, representaram toda uma comunidade, durante a visita de João Paulo II a São Pedro, Vitória. Na véspera da chegada do papa Francisco ao Brasil, A GAZETA relembra a história de uma mulher forte que, com sua dedicação, moldou um novo bairro.



FREDERICO GOULART
fgoulart@redgazeta.com.br

“Continua, Maria, continua...” Não sei o quê, mas continuei.

Essas palavras foram sussurradas num abraço que veio depois de um doce e profundo olhar. O gesto me lembrou meus pais, que, infelizmente, já não estavam mais ali para sentir a alegria de me ver ao lado do papa João Paulo II, em sua visita à São Pedro.

Era 1991 e o antes “Lugar de toda Pobreza” – nome do famoso documentário sobre a região – se tornava, naquele instante, com seu povo católico ou não, o lugar de toda nobreza.

O Papa me deu um terço, que se quebrou em dezenas

que eu recolhi uma a uma, pelo chão. Naquele momento, senti todo o peso dos mais de 300 bilhetes com pedidos que havia recebido antes de encontrá-lo. Desobedecendo o Arcebispo de Vitória, dom Silvestre Scandian, falei por 12 minutos, citando alguns anseios dos moradores da região.

Enquanto isso, a chuva caía lavando nossas lágrimas e fazia as crianças cantarem mais alto os versos de “Casinhas de Periferia” – música de Padre Zezinho. Depois daquele momento, teve gente me pedindo para benzer quadros e terços pois havia segurado a mão do Papa.

Toda a minha luta na região começou em fevereiro de 1977. Junto com

meu ex-marido, o ex-prisioneiro político Ruy Coelho; e com meu pai, Mário Andreatta, fui morar no mangue.

Só queríamos moradia e paz, após fugir da forte repressão da ditadura no Rio de Janeiro, onde morávamos. Quando chegamos, junto com seis ou sete famílias que já viviam ali, promovemos uma verdadeira revolução urbana. Abrimos ruas, fizemos passagens, ocupações.

Nos juntamos com padres, freiras e seminaristas conscientes dos danos do “milagre econômico” imposto pela Ditadura Militar. Com a industrialização acelerada, homens e mulheres de todo o Brasil passaram a se amontoar em quarteirões promíscuos, sem família, em busca de emprego. Aqui, não foi diferente. As ocupações eram em mangues e morros. Havia uma maioria negra, vinda de regiões distantes que queria o seu lugar.

E assim fomos lutando



— “Aquele carinho me lembrou meus pais, que, infelizmente, não estavam lá me vendo ao lado do papa”

— GRAÇA ANDREATTA
66, PROFESSORA

por São Pedro. A luta era por água, luz, transporte, aterro, moradia, casas, escola, telefone, esgoto. Por tudo. Demos às ruas nomes que lembravam essa resistência, como Rua da Liberdade e Beco do Trabalhador. Fico triste quando vejo as autoridades mudando tudo e tirando a identidade conseguida.

A primeira escola do bairro foi à luz de lamparina. Ajudei a fundá-la em 1983, a pedido dos homens que queriam entender os letreiros das ruas. Demos o nome de Escola Grito do Povo. Foram várias ocupações muitas Comunidades Eclesiais de Base surgidas de leigos engajados na fé.

Toda aquela luta me fez entrar para a política. Pelo Partido dos Trabalhadores (PT), fui, inclusive candidata a vice-governadora em 1986, na chapa com Arlindo Vilaschi. Mas logo descobri que não era a minha.

Quando São Pedro estava quase pronto, o Papa veio nos ver. Ele havia lido meu livro: “Na Lama Prometida,

a Redenção”, que fora traduzido para o Italiano por um amigo missionário.

Após sua visita emocionante, ele nos deixou cem mil dólares, que logo acabaram, devido à inflação desenfreada. Dom Silvestre teve que pedir mais para terminar várias construções iniciadas. Muitos me perguntam, ofensivamente onde está o dinheiro. Eu respondo: está todo lá, e serviu para formar, encher aquele povo de esperança.

Minha vida continuou. Me separei e, após 23 anos vivendo ali, fui para Minas Gerais em 1999. Lá, atuei na Arquidiocese de Mariana e acompanhei os estudos do meu filho. Fiquei até 2006.

Hoje, sigo tentando fazer da vida uma ação aliada à oração. Vivo em Guarapari e coordeno programas sociais. Está difícil ser voluntária, ser cristã, com a violência retornando, mas cada vez que ousa desanimar, o vento me traz um sussurro: “Continua, Maria, continua”.